

Trajetórias de vida dos professores de matemática de Pelotas: contribuindo para a História da Educação Matemática no Rio Grande do Sul

Cris Elena Padilha da Silva

GD 5 – História da Matemática e Cultura

Resumo: Neste trabalho apresento reflexões iniciais para a construção de uma dissertação de mestrado, com foco em produzir fontes orais para contribuir com a História da Educação Matemática, no campo da formação de professores e analisar a história de vida do professor, para entender os processos de professoralidade e profissionalização no decorrer de sua trajetória. A metodologia que se pretende adotar será a História Oral das trajetórias de vida dos professores, que produzindo entrevistas com professores de Matemática aposentados que atuaram na cidade de Pelotas, no Rio Grande do Sul.

Palavras-chave: História da Educação Matemática; História Oral; professoralidade; profissionalização; Pelotas.

Introdução

Este trabalho está vinculado ao Programa de Pós Graduação em Educação Matemática (PPGEMAT), referente à linha de pesquisa História, Currículo e Cultura, sob orientação do professor Dr. Diogo Franco Rios. O projeto está na fase inicial, pois é um primeiro trabalho para a dissertação de mestrado que ingressei em agosto deste ano. A pesquisa busca contribuir com a História da Educação Matemática, produzindo fontes orais com professores de Matemática, da cidade de Pelotas, no Rio Grande do Sul e analisando a constituição do professor de Matemática no decorrer da sua trajetória de vida. Busco professores comuns que possam contar os motivos que os levaram a serem professores de Matemática, suas práticas e experiências.

A motivação para a realização da pesquisa foi crescendo no decorrer dos 23 anos que atuo como professora de Matemática e Física. Todos os anos a indagação por parte dos alunos é a mesma: Por que o interesse em ser professor? Por que ser professor de Matemática? E isso vem me fazendo pensar sobre o que acontece com os outros e comigo no decorrer da trajetória de vida, como professora de Matemática e Física.

Ao ingressar no Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática (PPGEMAT), comecei a me aproximar de referências relacionadas à área de Educação Matemática, mais especificamente a área da História da Educação Matemática, lendo textos de alguns autores como Thompson (1992), Portelli (2010), Bosi (1994), que trabalham com História Oral e textos de Garnica (2003) e Rios (2012), referentes à História da Educação Matemática. A partir dessas leituras, vi a oportunidade de pesquisar sobre a história de vida dos professores de Matemática, trabalhando com fontes orais, estou no começo do meu trabalho como pesquisadora.

Procurar definir um grupo para a realização da pesquisa é um processo delicado, visto que no princípio de um trabalho sempre queremos contribuir com um número maior de fontes. No princípio pensei em dois grupos para a pesquisa: professores atuantes na disciplina de Matemática e professores aposentados que já atuaram na disciplina de Matemática. Precisava então escolher um dos grupos para delimitar o objeto de pesquisa. Os professores atuantes têm ainda a oportunidade de dividir suas lembranças dentro das escolas, no horário do intervalo das aulas, onde acontece o encontro dos professores mais antigos com os que estão iniciando sua carreira profissional. Neste momento são realizadas muitas trocas de experiências.

Pensei então em analisar as entrevistas com professores aposentados de Matemática, que lecionaram em algum momento da sua trajetória no ensino básico, na cidade de Pelotas, no Rio Grande do Sul. Ao trabalhar com professores aposentados, penso em produzir fontes orais que se perderiam com o passar do tempo e também contribuir socialmente no resgate de suas memórias. Este grupo de professores apresenta uma situação mais frágil na sociedade e estão afastados dos meios acadêmicos, sendo assim, suas memórias não estão sendo compartilhadas com professores que começam sua carreira. São professores mais velhos, que apresentam um grande potencial. Segundo Bosi (1994) as pessoas mais velhas têm uma nova função na sociedade, lembrar e contar para os mais jovens suas experiências, pois suas memórias fazem parte da vida e da cultura de um grupo de pessoas. A autora destaca a importância de ouvir os mais velhos, visto que nos dias atuais, eles estão sendo deixados de lado.

Em relação a uma demarcação temporal inicial, eu não gostaria de definir neste momento, para não correr o risco de deixar de fora professores aposentados que poderiam contribuir com a pesquisa. Rios (2016), aborda este tema quando analisa o recorte

temporal, que pode ser visto como um artifício ou como uma arbitrariedade, ao considerar o processo de contínua mudança a que está submetido.

Definindo como critério de escolha, professores que trabalharam em algum momento na escola básica, na cidade de Pelotas, no Rio Grande do Sul, penso em produzir fontes históricas para análise da construção da trajetória profissional de cada um. Registrando as peculiaridades presentes em cada trajetória.

A quantidade de professores que pretendo entrevistar ainda não está definida, considero uma quantidade razoável entre seis e oito professores, mas prefiro limitar esta quantidade no decorrer das entrevistas, quando começar a construir a trajetória de cada um, entendendo que um professor poderá indicar outro que considera importante para pesquisa.

Como ponto de partida, escolhi o professor Caruso, que foi meu orientador de pesquisa de especialização, com quem já tive uma aproximação inicial. Entendendo que se trata de meu primeiro trabalho com história oral, logo, conhecer o entrevistado facilitará a realização de uma primeira entrevista.

Meu caminho metodológico, está em produzir fontes orais, que poderiam se perder com o passar do tempo e na intenção também de contribuir para que professores mais antigos relatem a sua história, viabilizando assim informações que serão disponibilizadas para que novos professores pensem a respeito de sua formação. Ao produzir fontes orais, a história passa a ser narrada por outros professores, que com o passar dos anos contribuíram para a formação de muitos, em todas as profissões.

Muitos autores abordam a importância de registrar a história de vida do professor e da contribuição para o desenvolvimento de suas práticas.

Bosi (1994), ao falar sobre história oral, mostra que ouvindo pessoas mais velhas exercemos um papel social de grande importância, pois suas memórias contam a história de uma família, de um grupo de pessoas e de uma sociedade, vistas por pessoas que participaram ativamente de todas as transformações que aconteceram na sociedade, mas de uma maneira anônima, têm uma nova função social: lembrar e contar para os mais jovens a sua história. Conhecer o passado é um direito das novas gerações. Em entrevista a autora fala:

E nós então compreendemos que se pode fazer da memória um apoio sólido para a construção do presente e ela se torna para nós uma verdadeira matriz de

projetos. A memória deixa de ter aqui um caráter de restauração do passado e passa a ser a memória geradora do futuro: memória social, memória histórica e coletiva (...) que uma história de vida que nós escutamos não é feita para ser arquivada ou guardada em uma gaveta como coisa, existe para transformar a cidade onde ela floresceu. Bosi (2013)

Com as histórias dos professores de Matemática, a memória vai sendo resgatada, construindo novas fontes históricas, dando a oportunidade a professores que não seriam ouvidos a contribuírem com a história da Educação Matemática.

A memória constitui-se dos atos de lembrar e de esquecer. Bosi (1994) é tarefa do entrevistador interpretar tanto a lembrança quanto o esquecimento. É o entrevistado que vai escolher o que quer contar, e pode acontecer de forma consciente ou não. As memórias são modificadas pelo tempo presente e a cada encontro podem surgir novos fatos que poderiam ter sido deixados de lado em outro momento. As memórias são construídas e reconstruídas para dar sentido ao tempo passado e presente. Os estudos de memória e de história oral podem "proporcionar uma afirmação positiva de identidade para o narrador, para os membros de uma comunidade particular e para o mundo lá fora" Thompson (1992).

Dentre as possibilidades que eu pretendo provocar na memória dos entrevistados, dois temas me interessam, a professoralidade e a profissionalização. Dentro das histórias de vida são temas que poderão ser observados.

Entendo que a professoralidade vai sendo construída no decorrer da história de vida do professor, a partir de suas relações com a sociedade, suas práticas e tensões.

Pereira (2013) fala que a professoralidade, refere-se que há uma história diferente para cada um tornar-se professor. Busca compreender como o professor se constitui e se constrói dentro de suas práticas. Procura avançar na compreensão de como se produz o sujeito, como elabora seu conhecimento e suas ações. Onde relaciona a professoralidade como uma marca produzida no sujeito, a partir das composições que vamos vivendo.

A professoralidade é entendida por Isaia e Bolzan (2006) como o processo de construção do sujeito professor ao longo de sua trajetória pessoal e profissional, envolvendo espaços e tempos em que o professor reconstrói sua prática educativa. Sua vida pessoal, sua formação, as relações escolares no decorrer dos anos, as instituições de atuação.

Assim a construção da professoralidade passa pelo caminho traçado: social, afetivo, político, cultural, suas relações, sua maneira de pensar, influenciando na sua construção como professor. Tardif completa que um professor tem uma história de vida, é um ator social, têm emoções, um corpo, personalidade, uma cultura, ou mesmo umas culturas, e seus pensamentos e ações carregam as marcas dos meios sociais nos quais pertencem. (TARDIF, 2002).

Procurando entender a profissionalização dos professores, destaco Nóvoa (1999), que diz que a profissionalização é como um processo através do qual os trabalhadores melhoram seu estatuto, elevam seus rendimentos e aumentam o seu poder de autonomia. Para o autor a profissionalização dos professores teve seu marco inicial quando passaram a ser funcionários do Estado e a ter uma licença para ensinar de caráter obrigatório. Logo um poder maior e a possibilidade de ascensão profissional. Os professores no início do século XX apresentaram uma situação de prestígio social e situação econômica digna. Nos anos vinte os professores se sentem pela primeira vez, confortáveis no seu estatuto socioeconômico. O professor era respeitado, era a pessoa que compreendia de tudo e era valorizado pela sociedade.

Formação de professores de Matemática em Pelotas

Segundo dados encontrados por Moreira e Rios (2015), a grande maioria dos professores de Matemática em Pelotas, não eram licenciados, possuíam um registro profissional no qual eram autorizados a lecionar, o que acontecia em grande parte do cenário nacional. O primeiro Curso de Licenciatura em Matemática no Estado teve sua criação em 1942, na Universidade de Porto Alegre, que hoje é chamada Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). O primeiro curso de Licenciatura em Matemática da cidade, foi criado em 1960, na Universidade Católica de Pelotas, para formar professores que atuavam na cidade e não possuíam curso de licenciatura, preocupados em garantir sua estabilidade profissional, visto que novos profissionais licenciados poderiam chegar à cidade. A grande maioria dos professores que atuavam em Pelotas possuíam os cursos de suficiência da CADES, com duração de um mês e com duas disciplinas, Didática Geral e Conhecimentos Específicos da Área, realizados na cidade de Caxias do Sul. Após

a década de 60 foi criado o curso de Licenciatura Parcelada experimental para professores Leigos em Ciências e Matemática (PREMEN).

Em 1991, foi aprovado o curso de Licenciatura em Matemática, na Universidade Federal de Pelotas, e em 1992, ingressou a primeira turma, com objetivo de formar profissionais com um sólido conhecimento dos conceitos básicos de Matemática, nos níveis de 1º, 2º e 3º graus (UFPEL).

Pensando na metodologia

Penso nos seguintes questionamentos iniciais: Como então cada um dos entrevistados, tornou – se professor? Em que fase de sua vida o professor assume sua profissão? Como foi se modificando dentro da sua professoralidade no decorrer dos anos? Como aconteceu a profissionalização? Como eram as relações com os alunos e com colegas de profissão? São algumas inquietações minhas, que pretendo observar no momento em que os professores estiverem contando a sua história de vida.

Ao ler Thompson (1992) relatar que história oral pode dar grande contribuição para o resgate de uma memória nacional, mostrando-se um método bastante promissor para a realização de pesquisa em diferentes áreas, me fez pensar em associar a história oral com a memória profissional que pretendo realizar neste trabalho, registrando a memória de professores aposentados da cidade de Pelotas. Para o autor, é importante preservar a memória física e espacial, como também descobrir e valorizar a memória do homem. A memória de um pode ser a memória de muitos, possibilitando a evidência dos fatos coletivos, vividos por pessoas comuns, que até então não eram ouvidas.

Segundo Portelli (2010) a história oral é uma metodologia capaz de identificar fatos que poderiam passar despercebidos. Identifica histórias muito particulares, que podem traçar novos caminhos para pesquisa e discussões. Quando ouvimos a narração de uma história vamos atribuindo importância a fatos que achamos mais importantes e sendo inseridos como sujeitos. Com as narrativas dos professores, suas memórias serão consideradas fontes históricas. O autor atribui a história oral um caráter interativo, porque existe uma comunicação entre ambas as partes, entrevistado e entrevistador, fala que existe uma troca de olhares. Relata que é importante destacar a subjetividade do expositor, como um importante elemento que as fontes orais têm sobre o historiador. Se a aproximação para

a busca é suficientemente ampla e articulada, uma secção contrária da subjetividade de um grupo ou classe pode emergir. Fontes orais contam-nos não apenas o que o povo fez, mas o que queria fazer, o que acreditava estar fazendo e o que agora pensa que fez”.

Para Garnica que estuda a História da Educação Matemática:

Narrar é contar uma história, e narrativas podem ser analisadas como um processo de atribuição de significado que permite a um ouvinte/leitor/apreciador do texto apropriar-se desse texto, através de uma trama interpretativa, e tecer, por meio dele, significados que podem ser incorporados em uma rede narrativa própria. Assim, estabelece-se um processo contínuo de ouvir/ler/ver, atribuir significado, incorporar, gerar textos que são ouvidos/lidos/vistos pelo outro, que atribui a eles significados e os incorpora, gerando textos que são ouvidos/lidos/vistos... (Garnica, 2003).

Segundo o autor, o professor vai contar o acontecimento de ontem, mas com a experiência de hoje. Registros estes, que ajudarão a compor a investigação de como a história de “ser professor” é delineada. E ainda acrescentar práticas que na época deram bons resultados e também aquelas que geraram possíveis tensões.

Bosi (1994), entende que a história oral exige conhecimento, sensibilidade, respeito e atenção a fala do outro. As relações com o entrevistado começam no primeiro contato, elemento importante para a qualidade da entrevista. Deve-se conquistar uma relação de confiança, para que o entrevistado fique à vontade para narrar a sua história. Cabe a ele aceitar a voltar no tempo e reconstruir os fatos que deseja lembrar. O interesse deve se atender ao que o entrevistado deseja contar.

As entrevistas serão realizadas sempre de modo delicado para que o professor conte e fique confortável para falar sobre si. Sabendo que no decorrer dos encontros com os professores, novas indagações poderão aparecer. Ao ouvir histórias, surgem relatos importantes para novas pesquisas. Fatos que até então não foram registrados.

Após realizada a pesquisa deve-se atender a devolução aos entrevistados dos resultados, sendo um compromisso ético de quem pesquisou, valorizando aqueles que dedicaram tempo e compartilharam sua história com a comunidade científica Portelli (2010).

Ensaando uma proposta de análise

Como já foi dito antes, este trabalho não apresenta ainda análises para serem feitas, pois não tenho fontes produzidas. Encontra-se em fase inicial de leitura e revisão teórica. No entanto me sinto mobilizada a olhar para as entrevistas com algumas inquietações referentes a como cada um dos entrevistados tornou-se professor, como esta profissão se constituiu, como eram as relações com alunos e colegas de profissão. Com a realização das entrevistas, pretendo contribuir com a produção de fontes orais na área da História da Educação Matemática e analisar a trajetória de vida de professores de Matemática.

Referências

BOSI, E. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia de Letras, 1994.

GARNICA, A.V.M. História Oral e Educação Matemática: de um inventário a uma regulação. In: **Revista Zetetiké**, Campinas, v.11, n.19, p.9-56, Jan/Jun. 2003.

GARNICA, A.V. M. História Oral e Educação Matemática: O Estado de Arte. Disponível em: <<http://www.sepq.org.br/Isipeq/anais/pdf/gt5/03.pdf>> Acesso em: 02 Set. 2016.

ISAIA, S.; Bolzan, D. P. V. Construção da profissão docente / professoralidade em debate: desafios para educação superior. In: Anais do ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO-ENDIPE, XII, 2006, Recife. **Educação, Questões Pedagógicas e Processos Formativos: Compromisso Com A Inclusão Social**

MOREIRA, L. L.; RIOS, D. F. Memórias de um Professor de Matemática de Pelotas: articulações profissionais durante os anos de 1940 e 1960. In: III CONGRESSO IBERO-AMERICANO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO MATEMÁTICA – CIHEM,III, 2015, Belém.

NÓVOA, A. **Profissão Professor**. Portugal: Porto Editora, 1999.

PEREIRA, M. V. **Estética da professoralidade**. 1 ed. Santa Maria: UFSM, 2013.

PORTELLI, A. **Ensaio de história Oral**. São Paulo: Editora Letra & Voz, 2010.

REVISTA USP • São Paulo • n. 98 • p. 87-94 • JUNHO/JULHO/agosto 2013. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revusp/article/viewFile/69273/71730>

RIOS, D. F. O diálogo epistemológico em um caso de aproximação entre a História da Educação Matemática e a Construção teórica do real. **Revista de História da Educação Matemática**. v.2, n.1, 2016.

RIOS, D. F. **Memórias de ex-alunos do Colégio de Aplicação da Universidade da Bahia sobre o ensino da Matemática Moderna**: a construção de uma instituição modernizadora. 2012. Tese – Doutorado em Ensino, Filosofia e História das Ciências, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

TARDIF, M. **Saberes Docente e a Formação Profissional**. 4.ed. Petrópolis/ RJ, Vozes, 2002.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1992.